Escrita e fala no Brasil Colônia: o que revelam as relações grafemático-fonéticas

1. Introdução

A edição e o estudo dos cinco *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia vêm sendo desenvolvidos desde 2007, contando, desde 2008, com apoio do CNPq, ressaltando-se que a edição de dois deles ficou sob nossa coordenação. O *Livro Velho do Tombo* é uma coletânea de documentos datados dos séculos XVI a XVIII, trasladados no início do século XVIII. Traz nos termos de abertura e de encerramento a data de 1705, tendo sido trasladados noventa e um documentos, ocupando 193 fólios dos 215 que compõem o Livro. O *Livro III do Tombo*, por sua vez, traz o treslado de documentos dos séculos XVII e XVIII, novamente copiados em 1803, conforme solicitação do Abade do Mosteiro, ocupando os 300 fólios do Livro.

Os *Livros do Tombo*, foram reconhecidos como Patrimônio da Cultura Mundial, em 2012, e obteve-se, agora em 2013, aprovação do projeto de publicação dos cinco *Livros do Tombo* com subsídio da Petrobrás.

Do exame das inúmeras ocorrências documentadas no *Livro Velho do Tombo*, não apenas da responsabilidade de um mesmo *scriptor*, verificaram-se exemplos de equivalência grafemático-fonética de que se destacaram para a atual análise as grafias que podem corresponder à transposição para a escrita de hábitos de fala no que tange à realização das vogais mediais átonas, lembrando que o alçamento dessas vogais mediais já é documentado pelos gramáticos quinhentistas. Começa-se a analisar a ocorrência desse fenômeno no português brasileiro falado na Bahia (o falar baiano).

2. O Livro Velho do Tombo e o Livro III do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia

2.1. O Livro Velho do Tombo

Fruto de registros de doações aos monges beneditinos em 196 anos, datados entre 1568 e 1716, contém em suas páginas relatos de teor jurídico com inúmeras referências sociais, culturais, geográficas, históricas e políticas (*Livro Velho do Tombo* 1945), o *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro São Bento da Bahia – como os demais *Livros do Tombo* – integra um dos acervos mais bem reconhecidos do país (uma das três únicas bibliotecas brasileiras tombadas pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacio-

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

nal – IPHAN). Encerra, desse modo, conteúdos de grande relevância para a história da Cidade de Salvador como da Bahia. Arrolam-se nele escrituras, despachos, trocas, quitações, reconhecimentos, títulos de terras, petições, posses de terras, dentre outros registros que trazem aspectos passíveis de análises de várias áreas do saber.

O *Livro Velho do Tombo* mede 410mm × 260mm e acha-se encadernado em couro de porco, marrom. São 215 fólios de *papel avergoado*, numerados e rubricados no ângulo superior da margem de corte, no fólio recto, dos quais apenas 193 estão escritos no recto e no verso, tendo, em média quarenta linhas por fólio; com *marca d'água* representando dois círculos com tres folhas dispostas em triângulo sobre três semicírculos arrumados em pirâmide. Acha-se escrito em tinta *ferro-gálica*, onde podem ser observadas, *scriptae* diferentes, em *letra cursiva*, uma das quais é sempre a do tabelião público que autentica o traslado (Telles 2008). São ao todo noventa e um documentos, datados, como se disse, entre 1568 e 1716: onze datados entre 1568 e 1597 (12,08%), setenta e cinco entre 1601 e 1698 (82,41%) e cinco entre 1704 e 1716 (5,49%).

O traslado foi realizado em 1705, conforme atestam o *Termo de abertura* e o *Termo de encerramento*, que trazem a mesma data, «17 de janeiro de 1705». O primeiro documento trasladado data de 1704 e se acha aos fólios 1r-3r e apenas quatro documentos têm data posterior a 1705: um de 1706, copiado aos fólios 118r-131r, três datados de 1716, copiados aos fólios 159v-161v, exatamente os últimos fólios escritos (Telles 2008). Nota-se a intervenção de quinze *scriptores* na execução dos traslados, dos quais o primeiro é o tabelião Lourenço Barbosa, que rubrica o livro e faz os termos de abertura e de encerramento.

O *corpus* de amostragem utilizado incide em dois documentos datados originalmente do final do século XVI, três do século XVII e três de início do século XVIII.

2.2. O Livro III do Tombo

O *Livro III do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, o quarto da coleção dos *Livros do Tombo*, mostra excelente estado de conservação, trazendo restauro em apenas alguns dos fólios. O primeiro fólio do *Livro III do Tombo* traz a transcrição do pedido do Abade do Mosteiro, com data de 2 de julho de 1803, que justifica o traslado a ser feito; em seguida vem o traslado do requerimento, com o despacho indicando o Tabelião Tavares como responsável pela cópia em «autêntica forma», trazendo a data de 2 de julho de 1803. No segundo fólio tem-se o despacho do Juiz de Fora, Domingos Jose Cardoso, datado de 6 de julho de 1803, designando o tabelião Quintão para numerar e fazer os termos de abertura e de encerramento do livro, ambos datados de 6 de julho de 1803.

Como o anterior, encerra, assim, conteúdos de grande relevância para a história da Cidade de Salvador como da Capitania da Bahia. Arrola escrituras, despachos, trocas, quitações, reconhecimentos, títulos de terras, petições, posses de terras, dentre outros registros que trazem aspectos passíveis de análises em várias áreas do

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

saber. Os documentos trasladados no *Livro III do Tombo*, segundo declaração do Dom Abade, seriam os de maior importância para o Mosteiro.

Desse modo, o *Livro III do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia traz, a pedido do Dom Abade em 1803, o traslado de sesmarias e de escrituras pertencentes ao mosteiro, documentos essenciais que precisavam ser preservados.

Como consta do *Termo de Encerramento* foram numeradas e rubricadas 300 folhas, das quais todas se acham preenchidas com os traslados, no recto e no verso. O livro mede 480mm × 345mm e acha-se encadernado em couro de porco, marrom, como os demais livros do tombo. No verso da folha de guarda avulsa traz a observação: «De novo encadernado por Pio Zimmermann Em julho de 1924». Na folha de guarda, ao centro, aparece «L.4», impresso em um pedaço retangular de papel, colado sobre o papel, e o número «III» manuscrito em algarismos romanos. Papel avergoado, in-fólio, com as verjuras na horizontal e as linhas de cadeneta na vertical, com a distância de 25mm. A escrita é cursiva, em tinta ferro-gálica, inclinada para a direita. Acrescente-se o fato de o texto estar escrito em média de trinta e oito linhas por fólio, sempre dentro de margens traçadas com tinta, caracterizada pela *scriptio continua* (Zamudio Mesa 2010). Traz abreviaturas e glosas marginais, mas sem reclamos. Os documentos são trasladados em sequência não cronológica e nota-se uma separação entre cada documento, espaço no qual deveria ser lançada a autenticação do tabelião do judicial e notas. Até o fólio 75 observa-se a itervenção de três *scriptores*, dos quais o primeiro é o tabelião Tavares.

3. As vogais átonas na língua portuguesa

Dos ortógrafos quinhentistas, é Fernão de Oliveira o único que fala claramente das vogais átonas. A variação grafemática dessas vogais vem observada por Fernão de Oliveira, no capítulo XVIII, *[Da semelhança e proximidade de certas vozes]*, e, mais precisamente, no XXVII, *[Da quantidade da sillaba a das vogaes grandes e pequenas]*. Assim, afirma no capítulo XVIII:

> «Até aqui dissemos do proprio genero e particular de cada letra; agora vejamos da comunicação que alghũas têm, ou d'alghũa participação que to/das têm antre si. Das vogaes *u* e *o* pequeno ha tanta vezinhença que quasi nos confundimos dizendo huns *somir* e outros *sumir*, e *dormir* ou *durmir*, e *bolir* ou *bulir* e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre *i* e *e* pequeno, como *memoria* ou *memorea*, *gloria* ou *glorea*. Ainda que eu diria que, quando escrevemos *i* na penultima, sempre ponhamos o acento nessa penultima, seguindo-se logo a ultima sem antreposição de consoante, como *aravia*; e se a tal penultima assi de vogaes puras não tever o acento, não na escreveremos com *i*, senão com *e*, como *glorea* e *memorea*» (Oliveira 2000 [1536], 103-4).

Por outro lado, no capítulo XXVII esclarece:

> «Não pareça a alguem que nós confundimos *i* pequeno com *e* pequeno, nem *o* pequeno com *u* pequeno, porque ellas não são diversas vozes e tão-pouco não temos ahi necessidade de diversas letras» (Oliveira 2000 [1536], 111).

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

E continua a explicação:

> «Mas é desta maneira que antre *i* que é letra delgada aguda e viva, e antre ε grande soa na nossa lingua hũa outra voz mais escura e não mais que hũa: e a este chamamos *e* pequeno, o qual em hũas partes soa mais e em outras menos, como fazem as outras vogaes. E onde soa mais, podemos dizer que é mais vezinho do *e* grande; onde também menos soa, será isso mesmo mais vezinho do *i*. Mas não por isso dizemos que são duas letras, porque não muda a voz senão por respeito das consoantes, mais ou menos; ou por qualquer outra vezinhença de letras que se co'elle ajuntam, gasta mais ou menos tempo e aparece mais ou menos a sua voz, como *escreveste*, *memorea*: mais soa *e* pequeno na penultima de *escreveste* que de *memorea*, porque em *escreveste* tem adiante na mesma sillaba hũa letra consoante *s*, e em *memorea* tem logo outra vogal em outra sillaba, a qual lhe tira parte da voz porque ‹dous sapateiros vezinhos abatem a venda hum ò outro›, e os estados baixos junto com os poderosos parecem muito menos» (Oliveira 2000 [1536], 111-112).

Mais adiante, adverte que «Tão pequeno fica este *e* nestas partes, que muitos se enganam e escrevem em seu lugar *i*, o qual nós ahi não sentimos» (Oliveira 2000 [1536], 112).

A propósito dessas considerações de Fernão de Oliveira, Eugenio Coseriu – em um artigo datado de 1975, ‹ *Taal en functionaliteit* › *bei Fernão de Oliveira* (Coseriu 1975), traduzido para o português em 1991 (Coseriu 1991)[1] – ressalta o «enfoque funcional» da interpretação dada por Oliveira às vogais átonas mediais, lembrando que não são unidades vocálicas distintas, mas variação condicionada pelo contexto fonético:

> «Ainda mais evidente é o enfoque funcional na interpretação que Oliveira dá para [i], [u] em posição átona, especialmente antes de vogal (onde, em português, se neutraliza a oposição *e*/*i*, *o*/*u*). Oliveira interpreta, com efeito, estes sons como *e*, *o*, respectivamente, apesar da sua semelhança material (fonética) com *i*, *u*, que ele, aliás, admite explicitamente, sugerindo, portanto, que se escreva *memorea*, *neçessareo*, *continoar* (e não *memoria*, *neçessario*, *continuar*). Diz que em tais casos não se trata de unidades vocálicas distintas mas de variação condicionada pelo contexto fônico, o que é também verificável em outras vogais» (Coseriu 1991, 30-31).

Ainda quanto às observações dos ortógrafos quinhentistas, Thomas R. Hart Jr., em 1955, no artigo *Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation* (Hart Jr. 1955, 410-411), assinala que a maior dificuldade no que tange a essa reconstrução é seguramente a das vogais pretônicas *e* e *o*. Esclarece, ainda que «the most difficult of all the problems connected with the reconstruction of sixteenth-century Portuguese pronunciation is surely that of pretonic *e* and *o*»[2] (Hart Jr. 1955, 410). É clara a sua constatação de que «the contemporary grammarians are very little help»[3] (Hart Jr. 1955, 410), remetendo, em seguida, para o mesmo trecho de Fernão de Oliveira que

---

1 Reproduzido na edição de Amadeu Torres e Carlos Assunção da *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (Coseriu 2000).

2 Traduzindo: «... a maior dificuldade relacionada com a reconstrução da pronúncia portuguesa do século dezesseis é seguramente aquela de *e* e *o* pretônicos».

3 Traduzindo: «Os gramáticos contemporâneos são de muito pouca ajuda».

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

vai ser remarcado, mais tarde, por Coseriu. É importante ressaltar, portanto, que Fernão de Oliveira descreve as vogais átonas, mostrando as variações já existentes: *e ~ i* e *o ~u*.

3.1. As vogais na variante do português brasileiro

Na língua portuguesa, como em outras línguas românicas, as vogais mediais átonas, em posição não final, são marcadas pela perda de oposição (Barbosa 1983; Câmara Jr. 1975 e 1953). Câmara Jr. afirma que o quadro vocálico das cinco vogais átonas mediais em posição não final (*i e a o u*) teria sido trazido para o Brasil na primeira fase da colonização portuguesa (Câmara Jr. 1975, 44). É necessário, entretanto, lembrar, por outro lado, que a *scripta* dos documentos produzidos no Brasil até às primeiras décadas do século XIX ainda não representa o português brasileiro escrito, como, muito claramente, argumentam Jânia Ramos e Renato Venâncio (2006, 581).

No quadro românico da evolução das vogais átonas, Câmara Jr. (1975) afirma:

> Nas vogais pretônicas não se estabeleceu a oposição entre grau fechado nas médias. O resultado foi um quadro de cinco vogais, onde a vogal baixa, mudando de qualidade fonética, é francamente central, ou antes, ligeiramente posterior e se costuma classificar como ‹ fechada › ([ɐ]): [...]. (Câmara Jr. 1975, 43-44).

3.1.1. As vogais na variante do português brasileiro na Bahia

As pesquisas sobre o português falado na Bahia e em Sergipe têm trazido uma contribuição para o conhecimento da realização das vogais átonas na variante da língua portuguesa usada nessa região brasileira. Dentre outros trabalhos, destacam-se o de Jacyra Andrade Motta (1979), focado em Ribeirópolis (Sergipe) – analisando o comportamento das vogais átonas em variados contextos morfológicos – e o de Myrian Barbosa da Silva (1989) sobre o comportamento dessas vogais na norma culta de Salvador (dados do NURC), confrontados com os do *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi, 1963) e os de Ribeirópolis, em Sergipe (Motta 1979). M. B. da Silva segue a metodologia da teoria variacionista laboviana, e, como resume Ailma Silva (2009), ao considerar:

> «[...] as especificidades de variação das vogais médias pretônicas encontradas no dialeto baiano, [...], que, em um mesmo vocábulo registra a alternância de elevação, rebaixamento e preservação da altura da vogal pretônica, [...] estabelece, para uma descrição mais precisa dos dados, um conjunto de regras ordenadas [...]». (Silva 2009, 97).

Na sua tese, para as pretônicas, M. B. da Silva (1989) apresenta quatro regras de comportamento categórico, ordenadas antes das variáveis:

1) «uma *regra categórica de elevação* (RCE), que precede as demais e torna alto todo E em posição inicial absoluta, seguido de S implosivo, como em *iscola*, *iscuro* [...]»;
2) «três *regras categóricas de timbre* (RCT), que se ordenam disjuntivamente: as duas primeiras em relação à terceira, que é uma regra *elsewhere*. São elas:

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

a) «a RCT-1, que torna média toda vogal E que precede uma consoante palatal em verbos e deverbais da primeira conjugação, como em : *fêchar*, *fêchadura*, *planêjar*, *planêjamento* [...]»;
b) «a RCT-2, que torna qualquer vogal pretônica, O ou E, em uma vogal média quando ela precede outra vogal média não-nasal, qualquer que seja o padrão silábico em que esteja inserida [...], como *cêrveja, côrreio*, *ôrelha*, *môer* e *violêta*»;
c) «a RCT-3, que torna baixas todas as pretônicas a que não se aplicarem as regras ordenadas antes [...], como / *assòciação*, *filmacotèca*, [...]; *imèdiata*, [...], *dèzembro*; òcupam, [...], òrdinariamente; èducação, [...], èssencial; pròibido, còação, pòente; rèunir, lèòpardo, rèagir* etc.» (Silva 1989, 314-315).

E acrescenta, a seguir, enumerando as regras variáveis, que:

> «As regras variáveis que atuam depois das regras categóricas, concorrem com elas, pois se aplicam nos mesmos contextos. São quatro: as três primeiras, RVEs (Regras variáveis de elevação), fazem as pretônicas se tornarem preferencialmente altas em contextos determinados, e a quarta, RVT (Regra variável de timbre), faz as pretônicas se tornarem altas, sob certas circunstâncias, especialmente sociais» (Silva 1989, 315).

A propósito das neutralizações, assinala Câmara Jr. (1953, 76) serem elas fenômenos comuns em posição átona, explicando:

> «Assim, basta a ausência de tonicidade para anular as oposições distintivas entre /è/ e /e/, de um lado e, de outro lado, entre /ò/ e /o/, com a fixação do segundo elemento de cada par na pronúncia do Rio de Janeiro. [...]» (Câmara Jr. 1953, 76).

Acrescentando logo adiante que:

> «Em condições átonas particulares, a neutralização é em toda a série (seja a anterior seja a posterior), e temos, então a série anterior representada pelo arquifonema /i/ e a série posterior pelo arquifonema /u/». (Câmara Jr. 1953, 77).

Ainda é Câmara Jr., após lembrar que a «distribuição do quadro de vogais átonas [...] é um dos problemas mais intrincados da fonêmica portuguêsa no Brasil» (Câmara Jr. 1953, 77), quem assinala dois fatos que interessam diretamente ao problema aqui proposto:

> «As sílabas pré-tônicas apresentam uma enunciação menos fraca, que condiciona o quadro de 5 vogais, com o desaparecimento das oposições /è/ - /e/ e /ò/ - /o/ apenas». (Câmara Jr. 1953, 78).

> «[...] Com efeito, [as vogais átonas pretônicas] oscilam numa maior ou menor atonicidade, em função da intenção expressiva ou do estilo articulatório. Tornam-se singularmente fracas não só nos vocábulos pouco relevantes da frase, mas também, generalizadamente, na pronúncia articulatòriamente relaxada da fala familiar». (Câmara Jr. 1953, 78).

A esse propósito, entretanto, é ainda Câmara Jr. que adverte:

> «Nestas condições, pode dar-se uma neutralização *sui-generis* das oposições /e/ - /i/ e /o/ -/u/. Em princípio temos os dois sons de cada par, ao contrário do que sucede em / posição átona final; mas a persistência do /e/ em vez do /i/, ou do /o/ em vez do /u/, é determinada pela

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

natureza da vogal tônica com que a vogal átona tende a se harmonizar em abrimento bucal». (Câmara Jr. 1953, 78-79).

Chama, por fim, a atenção para a incerteza e para a precariedade das oposições das vogais átonas pretonicas e postônicas não finais /e/ - /i/ e /o/ - /u/, remetendo para o que V. Brøndal denomina cumulação (Câmara Jr. 1953, 82).

4. Scripta das vogais átonas nos Livros do Tombo

É sabido que toda a documentação de que se dispõe até o início do século XX é de natureza escrita. Desse modo, para o português escrito no Brasil Colônia, os documentos dos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia são uma fonte de conhecimento sobre a variante da língua portuguesa utilizada pelos *scriptores* dos documentos trasladados. Assinale-se, entretanto, como escreve Zamudio Mesa (2010, 16), que as variedades de representação do escrito transpõem para o meio gráfico os elementos ou unidades que compõem a linguagem oral. Ora, como ressalta R. Wright (1998, 304), o escrito não pode representar globalmente todo o fonético, mas, quando somente se dispõe de documentação escrita, apenas através dela é possível avaliar o processo de mudança verificado em fases mais antigas da língua. Assim, os documentos dos *Livros do Tombo* são fundamentais para auxiliar no conhecimento da história do fonetismo do português e, entre outros fenômenos, o das vogais mediais átonas.

4.1. Registros no Livro Velho do Tombo

Ao começar-se o estudo da *scripta* dos documentos (dos séculos XVI, XVII e XVIII), trasladados no início do século XVIII, do *Livro Velho do Tombo*, verificou-se que as relações grafemático-fonéticas mostram que nesses documentos se corrobora a neutralização que caracteriza o comportamento das vogais mediais átonas do português europeu (Telles 2013a e 2013b). Nessa perspectiva, foram analisadas as *scriptae* de seis tabeliães-escrivãos: o *scriptor* 1, Lourenço Barboza[4] (dois documentos), que se ocupa dos traslados dos documentos lançados aos fólios 1r ao 12v; o *scriptor* 4 (traslados nos fólios 37v-47r); o *scriptor* 6 (traslados nos fólios 56r-87v); o *scriptor* 9 (dois documentos), que faz os traslados dos fólios 100v-159r; o *scriptor* 10 (traslados nos fólios 159v-161v) e o *scriptor* 13 (traslados nos fólios 162v-166v).

A análise das inúmeras ocorrências registradas no *Livro Velho do Tombo* permitiu que se verificassem exemplos de equivalência grafemático-fonética de que se destacaram as grafias que podem corresponder à transposição para a escrita de hábitos de fala no que tange à realização das vogais mediais átonas pretônicas. Quatro séries de correspondências foram registradas:

a) [*e*] pretônico é grafado <*i*>, como em: i*mserraõ*, *Bem auinturado*, *milhor*, *milhoramento*, *riligiozos* (ao lado de *religiozos*);

[4] O único escrivão de que se tem a nominação, exatamente o tabelião responsável pela numeração dos fólios e pela escritura dos termos de abertura e de encerramento.

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

b) [*i*] pretônico é grafado <*e*>, como em: *rellegiaõ*, *creado*, *offecial*, *offecio*, *escreptura* (ao lado de *escriptura*), *constetuintes*, *emcorporada* (ao lado de *incorporada*), *estepulante*, *solecitador*, *demanuisam*, *vertude*, *lemitez* (ao lado de *limites*), *estromento* (ao lado de *instromento*), *envestido*;

c) [*o*] pretônico é grafado <*u*>, como em: *custume*, *custumaõ*, *Ruberto*, *puderes*;

d) [*u*] pretônico é grafado <*o*>, como em: *instromento*, *retabola*, *comprir*, *comprimento* (usados ao lado de *cumprir*), *molher.*

4.2. Registros no Livro III do Tombo

Os registros do *Livro III do Tombo*, logo no início dos treslados, pareciam mostrar-se bastante promissores, pois, no título do primeiro documento trasladado, «Carta de *S*<e>/i*smaria* dos Reverendos Padres deSam Bem / To das terras do Engenho, emais cir cun vizinhas pedidas / Denovo nocitio de Sergype.» (f. 3r, L. 1-3), nota-se uma correção no fluxo da *scripta*: foi lançada a escrita de um <*e*>, logo substituído, por superposição, para <*i*>[5]. À primeira vista tal registro permitia supor a grafia <Sismaria> para a forma lexical *Sesmaria*. Entretanto, a variação começou a ser registrada já ao f. 3r, L. 4 do documento, e a forma com <*i*>, que foi predominante até a L. 15 do f. 4r, deixa de ser grafada e, a partir da L. 29 do f. 4, tem-se sempre a grafia com <*e*>.

A variação gráfica para a representação escrita das vogais átonas pretônicas foi insuficiente pela quantidade de dados registrados. Para as quatro variáveis analisadas foram obtidos os seguintes registros sistemáticos:

a) <i> equivale a [e]: *Sismaria* (com a substituição imediata, para *Sesmaria*, acima referida), *Cabiseiras*, *alhiar* (ao lado de *alhear*), para o *scriptor* 1, o tabelião Tavares, designado responsável pelos traslados; *incoviniente* e *Cabiçeiras*, para o *scriptor* 2; sem registros, até o momento, para o *scriptor* 3;

b) <*e*> equivale a [*i*]: *Lemite*, *Rellegiozos* (ao lado de *Relligiozos*), *pesebelidade*, *possebelidade*, *posebilidade*, *Deligencia*, *circunvezinhas*, *Circumvezinhas*, *Prezedente*, *deminuida*, para o *scriptor* 1 (Tavares); *Certefico*, *lemites*, para o *scriptor* 2; *Vevia*, *Certefico*, *notefiquey*, *deminuição*, *deminuido*, para o *scriptor* 3;

c) <*o*> equivale a [*u*]: *instromento*, *Costumada*, *sobscrevi*, *sobscrita*, *Cincoenta*, para o *scriptor* 1; *instromento*, *sobscrevy*, para o *scriptor* 2; *taboleiro*, para o *scriptor* 3;

d) <*u*> equivale a [*o*]: *Cumprido*, *Custumados*, para o *scriptor* 1; *lueste*, para o *scriptor* 2; *Cumprimento*, para o *scriptor* 3.

4.3. A que se chegou?

Resta que se busque verificar se essa variação já é condicionada pelos contextos fônicos apontados para o português atual (Barbosa 1983; Câmara Jr. 1975 e 1953). Para em seguida tentar aplicar as regras ordenadas, categóricas e variáveis propostas por M . B. da Silva (1989).

---

[5] O que é demonstrado na transcrição semidiplomática, com o uso do operador < > / \, indicando emenda por superposição <de> /para\.

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

A propósito da situação no português do Brasil, Câmara Jr. (1975) afirma que:

> [...] Mais lábil é a expansão do uso da vogal alta, em vez da vogal média, no fenômeno da ‹ harmonização vocálica › (Câmara, 1953, 79), em que uma vogal tônica alta exerce a sua ação assimilatória sobre a pretônica. A harmonização, que não é representada na ortografia, é própria do estilo coloquial e só daí se insinou [sic] na elocução formal. A conseqüência dessa dupla circunstância é que, de um lado, não apresentam harmonização certas palavras de feição literária (ex.: *fremir*), e, de outro lado, a harmonização pode ficar suspensa em certas situações da linguagem formal: *comprido* “longo” pode ser pronunciado /ko(n)pridu/, cessando a homonímia com *cumprido* “executado”, e assim por diante. Há implícito um quadro com as oposições /e/ - /i/, /o/ - /u/, na posição pretônica com vogal tônica alta, embora com debordamento (ing. *overlapping*) dos dois fonemas. (Câmara Jr. 1975, 45-46).

Nessa direção, entre os registros do *Livro Velho do Tombo* notam-se exemplos de alçamento, decorrente de harmonização vocálica: *riligiozos*, *custume*,. Também no *Livro III do Tombo* documentam-se registros de alçamento, decorrente da harmonização vocálica: *Cumprido*, *Cumprimento*.

Vale lembrar, no que tange às grafias *comprir* e *cumprir*, que o *Livro Velho do Tombo*, mostra uma variação livre (mesmo em *scriptores* diferentes), sem condicionamento algum, como se pode ver nos exemplos 1 e 2, enquanto o substantivo *comprimento* (sempre grafado com <*o*>) tanto pode ter a significação de “execução” (em 1 e 2) como a de “longura” (como em 3 e 4).

1) «[...] e para todo asim *cumprir* [“executar”] hum e outro obrigaram sua pesoa e beñs. / moueis e de rais hauidos e por hauer e o melhor parado delles e q(ue) / pello *comprimento* [“execução”] de tudo cada hum na p(ar)te que [...]» (62v, L.26-28, 24 fevereiro 1632, tabelião, traslado do *scriptor* 6)
2) «[...] obriga apeSoa ebeñs deSeus Constetuhintes aSim moueis / Como deRaishauidos eporhauer eomilhor parado delles epellos ditos Religiozos foitam= / Bem dito queoBrigam ao*Comprim(en)to* [“execução”] destaesCreptura osbenseRendas dodito Con= / uento eSeSomenteemtodas as clauzullas desta esCreptura a*Comprila* [“executar”] eguardala Como / nellaSeConthem [...]» (158r, L. 24-28, 29 outubro 1698, tabelião Pedro Cardozo de Mello, traslado do *scriptor* 10)
3) «[...] que entre osmais beñs deRais quetem / edeque Sam direitos Senhores epesuhidores hebem aSim ComoSam SeisBraças de chaoñs / Çitos abaixo daportas deSamBento Comtodo o*Comprimento* [“longura”] queSeachar [...]» (157v, L. 20-22, 29 outubro 1698, tabelião Pedro Cardozo de Mello, traslado do *scriptor* 10)
4) «[...] asquais Terras aSim Confrontadas Comtodo o*Comprimento* [“longura”] que Seaçhar p(ar)a / aParte doMar disseelle dito procurador oDoutor Antonio Correaximenes vendia em= / nome dos ditos Seus Constetuintes Como Comefeito Logo vendeu [...]» (157v, L. 27-29, 29 outubro 1698, tabelião Pedro Cardozo de Mello, traslado do *scriptor* 10).

No *Livro III do Tombo*, até o momento, os exemplos *Cumprido* e *Cumprimento* são relativos à “longura”.

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

5. Considerações finais

Os resultados obtidos para o *Livro Velho do Tombo* apontam para o fato de que os indícios do processo de mudança mostram os seguintes percentuais de registro das vogais átonas no português escrito no Brasil Colônia: 8,04% para o século XVI, 71. 24% para o século XVII e 20.68% para o século XVIII. Para o *Livro III do Tombo*, os dados mostram-se insuficientes, embora os indícios estejam aí registrados.

Do que já se tem visto, o registro em documentos do Brasil Colônia evidencia a manutenção do alçamento das vogais mediais pelos falantes do português na Bahia, em especial entre os escrivãos, os tabeliães e os religiosos, como se pode avaliar pela variação registrada.

Universidade Federal da Bahia/CNPq Célia MARQUES TELLES

Referências bibliográficas

Barbosa, J. M. 1983², *Études de phonologie portugaise*, Évora, Univ. de Évora, Divisão de Línguas e Literaturas.

Câmara Jr., Joaquim Mattoso, 1953. *Para o estudo da fonêmica portuguêsa*, Rio de Janeiro, Organização Simões.

Câmara Jr., Joaquim Mattoso, 1975. *História e estrutura da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.

Coseriu, Eugenio, 1991. *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira (1536)*, Rio de Janeiro, Presença / EDUFF (trad. Maria Christina de Motta Maia, cuidadosamente rev. pelo autor).

Coseriu, Eugenio, 1975. «‹Taal en functionaliteit› bei Fernão de Oliveira», in: Werner, Abraham (ed.) *Ut videam. Contributions to an Understanding of Linguistics: for Pieter Verburg on the Occasion of his 70th Birthday*, Lisse, Peter de Ridder, 67-90.

Coseriu, Eugenio, 1991. *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira (1536)*, Rio de Janeiro, Presença / EDUFF (trad. Maria Christina de Motta Maia, cuidadosamente rev. pelo autor).

Coseriu, Eugenio, 2000. «Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira», in: Oliveira, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 29-60. Ed. crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Estudo introdutório de Eugenio Coseriu (trad. Maria Christina de Motta Maia).

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)

Hart Jr., Thomas R., 1955. «Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation», *Word* 11.3, 404-415.

Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador, 1945, Bahia, Tipografia Beneditina.

Motta, Jacyra Andrade, 1979. *Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Letras, UFBA, Salvador.

Oliveira, Fernão de. 2000 [1536]. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa. Ed. crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Estudo introdutório de Eugenio Coseriu.

Ramos, Jânia Martins / Venâncio, Renato Pinto, 2006. «Por uma cronologia do português escrito no Brasil», in: Lobo, T. *et al.* (ed.), *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, Salvador, EDUFBA, vol. 2, 575-584.

Rossi, Nelson, 1963. *Atlas prévio dos falares baianos*, Rio de Janeiro, Instituto Naciomal do Livro / Ministério de Educação e Cultura.

Silva, Ailma do Nascimento, 2009. *As pretônicas no falar teresinense.* Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre,

Silva, Myrian Barbosa da, 1989. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador.* Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação em Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

Telles, Célia Marques, 2008. «Fontes primárias para a sócio-história da Bahia: O *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia», *Scripta Philologica* 4, 102-118.

Telles, Célia Marques, 2013a. «Ditongos crescentes e decrescentes: a relação grafemático-fonética», *Organon* 54.28, 205-216.

Telles, Célia Marques, 2013b. «Reflexos de fala na escrita no *Livro Velho do Tombo»*, in: Magalhães, José S. de (ed.). *Linguística in focus: fonologia*, Uberlândia, EDUFU.

Wright, Roger, 1998. «Cambios lingüísticos y cambios textuales», in: Blecua, José Manuel / Gutiérrerz, Juan / Sala, Lidia (ed.), *Estudios de grafemática en el dominio hispánico*, Salamanca, Univ. de Salamanca, 303-308.

Zamudio Mesa, Celia María, 2010. *Las consecuencias de la escritura alfabética en la teoría lingüística,* México, El Colegio de México.

BDD-V2178 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.142 (2026-11-14 08:49:20 UTC)